

REPRESENTAÇÃO FEMININA EM "A HORA DA ESTRELA": A MULHER SUBALTERNA ENQUANTO UM SIGNIFICANTE VAZIO

Mariana Gomes

Cartaxo

Mestranda e graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília – UnB.

Contato:

cartaxomariana@gmail.com

Palavras-chave:

Representação feminina; pós-colonialismo; A Hora da Estrela.

Keywords:

Women representation; post-colonialism; A Hora da Estrela.

RESUMO: Este ensaio propõe-se a realizar uma análise crítica, com viés pós-colonial, da obra "A Hora da Estrela" (1977) de Clarice Lispector. Primeiramente, procura-se situar a crítica pós-colonial do feminismo ocidental, e as dificuldades de apreensão da mulher subalterna. A partir desse pressuposto, parte-se para a análise da obra, ressaltando as características que fazem de Macabéa, a personagem principal, um significante vazio. Conclui-se com uma reflexão acerca dos pontos de vista hegemônicos na representação social.

ABSTRACT: This essay intends to carry out a critical examination, based on the post-colonial theory, of the book "A Hora da Estrela" (1977) from Clarice Lispector. At first, we will situate the post-colonial critique of the western feminism and the difficulties on the apprehension of the subaltern woman. Based on this assumption, the following section will analyze the oeuvre, pointing out the characteristics that make Macabéa, the main character, an empty significant. We conclude with a reflection about the hegemonic perspectives on the social representation.

Introdução

Em um mundo guiado por desigualdades, é necessário observar o sentido político dado a cada produção de conhecimento. As linhas abissais que dividem o mundo desenvolvido do mundo "em desenvolvimento" também são reproduzidas internamente, e em cada localidade isso reforça o constante conflito entre o central e o periférico (SANTOS, 2007). O conhecimento hegemônico funciona por meio da apreensão do Outro em grau de inferioridade e dessa forma ele consegue perpetuar a superioridade de si mesmo.

A dicotomia do Eu e do Outro está fundamentada por Spivak (2010), em seu ensaio "Pode o Subalterno Falar?". Segundo a autora, o sujeito colonial foi construído como o Outro. A explicação e narrativa europeias da realidade foram estabelecida como normativas, de forma a excluir tudo que fosse diferente ou oposto. A separação entre o Eu e o Outro é delimitada constantemente, impedindo que o subalterno ascenda à posição de Sujeito (SPIVAK, 2010, p.55-57).

Dentro do Brasil, a reprodução de desigualdades passa por divisões abissais entre norte e sul. Por diversos fatores, fluxos populacionais provenientes da região nordeste para a sudeste do país se tornaram um fenômeno recorrente. Essa parcela da população

comumente chamada de "retirante" é o que Boaventura de Souza Santos chama de "intromissões do Outro no mundo desenvolvido" (SPIVAK, 2010, p. 77-79). No momento em que o subalterno ocupa o espaço do colonizador, ou do civilizado, ele vai criar contextos de extrema contradição, forçando ações dramáticas e violentas para a manutenção do *status quo*.

Todo esse condicionamento ocorre tanto por meios físicos quanto simbólicos. As representações dos migrantes nordestinos serviram para reforçar ideias de classe e para produzir um Outro alheio à modernidade da região desenvolvida do país. O imaginário popular em torno dos retirantes acabou por estigmatizar alguns padrões de comportamento, tornando-os indivíduos insípidos em si, sem qualquer possibilidade de se auto-afirmarem enquanto Sujeitos.

Quando tratamos de mulheres subalternas, a dupla exclusão resulta em um processo de total abstração da identidade dessas mulheres, tornando-as limitadas em si. Por se localizarem em um patamar inferior, alheias às possibilidades de possuir vontades (como as vontades do indivíduo hegemônico), elas se tornam objetos de estudo, apenas corpos (QUIJANO, 2005, p. 279). As representações dessas mulheres tomam forma de uma não-mulher, de um corpo relegado à impotência e a sacrifícios extremos

para a sobrevivência.

A partir desse viés, as representações literárias não deixaram de transparecer todas as condições materiais e culturais na construção da mulher nordestina. No romance contemporâneo "A Hora da Estrela", Clarice Lispector descreve sua personagem a partir de uma perspectiva dominadora de um homem. A construção da narrativa dá uma visão consistente acerca da representação feminina no Brasil, em especial da mulher nordestina retirante.

Nesse sentido, pretende-se observar a construção da personagem Macabéa, e em que medida é possível ou não apreender a figura da mulher subalterna. Na primeira parte, será apresentada a perspectiva pós-colonial, questionando o feminismo ocidental e sua tentativa de universalidade. Posteriormente, será analisado o romance de Clarice Lispector, considerando a personagem principal um significante vazio. Por fim, conclui-se que a representação subalterna é um desafio para as correntes críticas, e que os lugares de fala precisam sempre serem levados em consideração durante a análise das representações.

Representação da subalterna – A Mulher do Terceiro Mundo

O pensamento pós-colonial põe em debate uma voz periférica e diversa. Através de pensadores como Edward Said, critica-se no pensamento moderno a distinção clara entre o Ocidente e o Oriente. À medida em que são institucionalizadas as representações do Oriente, reproduz-se, num ciclo vicioso o outro (oriental) como inferior, reafirmando estereótipos (COSTA, 2006, p. 118-120). Criticando o pensamento hegemônico, o pós-colonialismo procurou observar diversas expressões da sociedade e do pensamento humano, tendo como crítica principal tudo o que tivesse pretensão de universalidade e homogeneidade.

Dentro dessas críticas, enquadra-se o feminismo. Esse movimento, apesar de ir contra as essencializações do sujeito feminino, não deixa de recair em problemas de representação. O feminismo enquanto corrente crítica percorre as vivências particulares das mulheres em oposição à figura masculina. Porém, ao tratar das mulheres de terceiro mundo, a tentativa de universalização das experiências acaba criando um pressuposto geral, em que a mulher ocidental é o ponto de partida para qualquer tipo de análise. Mohanty (1991), em sua crítica aos discursos acadêmicos, em "Under Western Eyes", exprime as suas críticas quanto ao feminismo ocidental hegemônico.

Com isso, as mulheres de terceiro mundo acabam sendo um grupo identificável e monolítico devido às suas privações e ausências - tudo em oposição ao

grupo de mulheres ocidentais. Chandra Mohanty chama atenção a esse fenômeno, argumentando que os escritos feministas muitas vezes colonizam as heterogeneidades históricas das vidas das mulheres de terceiro mundo, criando a representação singular e estática dessas (MOHANTY, 1991, p. 53).

O enquadramento discursivo dessas representações, inserido em um contexto de divisão hegemônica-periférica, obedece a fronteiras epistêmicas da análise do subalterno. Através da perspectiva de Gayatri Spivak, a mulher subalterna está na condição mais profunda de obscuridade, e a perda do poder de voz dessas mulheres é uma consequência direta. A sua dupla exclusão faz com que ela seja apropriada pela benevolência do Primeiro Mundo e constituída como objeto de interferência (SPIVAK, 1988, p. 70-101).

O silenciamento da mulher subalterna é bastante alheio às discussões feministas Ocidentais, e vai em direção à ideia de mulher de terceiro mundo como um foco de observação monolítico. Devido a essas desigualdades de fala e de poder, a mulher nordestina, em sua ampla exclusão, foi fadada a representações simplificadoras, originadas de um discurso de incapacidade e dependência. A concepção do estereótipo colapsa um complexo de diferenças, representando-as exclusivamente em sua sujeição à religião ou à autoridade masculina.

A concepção de silêncio é debatida dentro da construção da linguagem por Eni Orlandi (2007). Para a autora, primeiro é preciso observar que o silêncio não é uma negação, e sim um significado em si. Dessa forma, o silêncio fundador possui um sentido, um lugar na história, uma matéria significativa. Em oposição ao silêncio fundador, a política do silêncio diz respeito a um recorte entre o que se diz e o que não se diz. A política do silêncio produz restrições na linguagem e impossibilita que se trabalhe o movimento da identidade de forma a elaborar a história e os sentidos. As mulheres subalternas são silenciadas porque são impossibilitadas de construir seus próprios sentidos em um contexto de desigualdade estrutural.

Devido a essas visões da mulher subalterna, a retirante não consegue obter um lugar de fala, sua representação é feita a partir de um ponto privilegiado, muitas vezes por homens ou por mulheres ocidentalizadas. Essas narrativas sobrepõem as reais condições dessas mulheres, e impedem que os significantes sejam observados de outro ponto de vista. Nunca é questionado, nessa perspectiva, quais são as reais visões da mulher subalterna sobre os aspectos de sua vida.

A problematização e afirmação dos lugares de

fala contribui para a dissolução das essencializações produzidas ao longo do tempo. Uma visão pós-colonial precisa levar em consideração as diversas perspectivas para conseguir evoluir na desconstrução do poder hegemônico. Por isso, segundo Spivak, é essencial que nunca se tenha a pretensão de falar pelo outro, haja vista que a impossibilidade de apreensão gera sempre desigualdades discursivas (SPIVAK, 1988, p. 104-122).

A Hora da Estrela

O livro "A Hora da Estrela", de Clarice Lispector, apresenta uma mulher nordestina - Macabéa - em uma cidade grande. O nome Macabéa possivelmente é proveniente da narrativa bíblica dos Macabeus, integrantes de um exército rebelde judeu. Essa alusão vem em contraposição à figura construída para a personagem principal, frígida e temerosa.

A personagem principal vive em um contexto de privações. Sua vida era limitada ao trabalho de datilógrafa e a passeios com o namorado, o também sertanejo, Olímpico. Macabéa é uma personagem insípida. Suas experiências pessoais se resumiam à criação religiosa de uma tia, onde a sexualidade era altamente recriminada. Seus desejos eram simples, e o seu gosto por coca-cola é uma forma irônica de mostrar a inserção de ícones globais na vida dessa retirante.

A autora estabelece o texto a partir de um narrador masculino, Rodrigo S.M. Ao negar-se a ser a própria narradora, Lispector procura se colocar em um outro lugar de fala. O lugar masculino. Além de tentar se aproximar de Macabéa, Rodrigo S.M cita constantemente seu isolamento, feito especialmente para conseguir garantir a representação ideal, a escrita satisfatória para conduzir a história. Ao longo da narrativa, procura retratar a personagem, sua vida, suas condições humildes, sempre através do contraponto do seu próprio discurso.

"De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu" (LISPECTOR, 1998, p. 19). A partir desse trecho, podemos observar que a ideia de representação do Outro é também criação. Ao dizer que a pessoa "está tão viva quanto eu", o narrador deixa entender que ao representar o Outro representa-se a si mesmo. Isso segue o pressuposto de Spivak, em que a produção do Outro é também uma forma de delimitar o Eu (SPIVAK, 1988, p.70).

Em contraposição à figura de Macabéa, temos seu namorado, Olímpico. Um ser pomposo e viril, o homem nordestino, "cabra-macho". O relacionamento entre os dois era marcado pelo desprezo de Olím-

pico e a contemplação inocente de Macabéa. A partir desse enquadramento, podemos observar a diferença na construção da representação do homem nordestino e da mulher nordestina. Enquanto Olímpico era altamente ambicioso e cheio de ímpeto, ansiando a vida política, Macabéa não conseguia saber o que ela mesma representava.

Ao introduzir esses dois personagens, a narrativa converge para construção de um homem subalterno e de uma mulher subalterna como figuras monolíticas e determinadas pelo ambiente. Suas ações são previsíveis, e tanto Macabéa quanto Olímpico compõem a teia urbana em que cada um exerce um papel secundário nas estruturas capitalistas, ambos seres em dificuldade de inserção nas brechas da sociedade (BIGNOTTO, 2006, p.468). A Datilógrafa e o Metalúrgico.

O namoro dos dois une duas existências miseráveis, encontrando um no outro a legitimação e afirmação no tecido urbano. Essa união é a todo momento contraposta no livro. Seja com as grosserias de Olímpico, ou com a submissão de Macabéa. Por mais que pudessem encontrar uma identidade juntos, as diferenças de gênero e as possibilidades da vida impediam com que fossem coerentes um com o outro. Macabéa, com suas perguntas constantes, incomodava Olímpico por mostrar sua contínua ignorância, e a nulidade de suas ambições (*idem*, p. 471).

Dessa forma, a figura de Macabéa é de uma mulher curva, ingênua, infeliz, idiota, incompetente, raquítica. Numa "sociedade técnica em que não passava de um parafuso dispensável" (LISPECTOR, 1988, p. 29), a ideia de Macabéa é a ideia hegemônica da mulher subalterna. Lispector, ironicamente ou não, constrói essa representação em torno de estereótipos. O narrador deixa claro, em um momento do texto, que o Outro não é nada mais do que a válvula de escape da vida massacrante da média burguesia (LISPECTOR, 1998, p. 31).

As críticas pós-coloniais ao feminismo ocidental vão caminhar para a desconstrução dessa figura feminina, subordinada aos espaços de fala hegemônicos e à suposta benevolência das elites. Enquanto oprimida, Macabéa aparenta o que Mohanty afirma como uma colonização discursiva das heterogeneidades históricas das vidas das mulheres de terceiro mundo (MOHANTY, 1991, p. 53). Ela aparece como a mulher nordestina singular, "cabeça chata", em quadro de invisibilidade total e imersa nas grandes cidades.

Macabéa é um significante vazio. Ernesto Laclau (2005) introduz esse termo, que representa algo sem significado, mas que ao mesmo tempo é parte integral de um sistema de significação. O significante va-

zio não possui um significado específico e universal, todo o seu sistema significativo está baseado em um lugar vazio. Esse termo, portanto, está esgotado de sentido e de significado.

Dessa forma, Macabéa é toda a construção de mulher subalterna unida em uma só personagem. Ela é definida através de categorias de ausência. A sua figura insossa é contraposta à figura de Glória, colega de trabalho, carioca, mas que carregava consigo todas as formosuras de uma mulher. Olímpico logo troca Macabéa por ela, por ser "pertencente ao ambicionado clã do sul do país", além de ser "bem alimentada" e um "material de boa qualidade".

Nessa parte, as divisões políticas brasileiras afloram. Por mais que Glória fosse também datilógrafa, não se pode ignorar que ela não é sertaneja, portanto, pertencente a outra "categoria" de mulher. Seu excesso de molejo e a "força da mulatice" se relacionam com a representação da mulher pobre como hiper-sexualizada, pronta para reproduzir.

As personagens altamente estereotipadas no romance conduzem a um questionamento acerca da possibilidade de representação do subalterno. Cada um concebe a impossibilidade de observar o Outro sem imprimir sobre ele a forma do narrador ver o mundo. A insuficiência da vida das personagens é



Lucas Braga

uma insuficiência do trabalho do próprio narrador.

"É como se eles fossem tão óbvios e comuns que nos afetassem diretamente, porque sua vida é também a nossa, ao mesmo tempo que não é: muito iguais por serem diferentes, e muito diferentes por serem iguais" (MONTEIRO, 2011, p. 5).

A banalidade de Macabéa, a sua incapacidade de se enxergar enquanto Sujeito, um indivíduo dotado de futuro e de vontade, tem seu ápice no final dramático da narrativa. Na cartomante, tem-se a visualização de um futuro que nunca imaginara, e de uma possibilidade de ser. Isso deixou Macabéa desnorreada, e sua

reação levou a sua morte por atropelamento. A "sentença de vida" da cartomante pôs fim à representação de Macabéa, pois a partir de então ela garantiu consciência de si - percebeu sua infelicidade e sua miséria (LISPECTOR, 1998, p. 79).

A ideia de salvação é recorrente nas obras de Lispector. Essa construção em sua obra tem uma grande força expressiva, e representa para os personagens a criação de novas realidades.

"a salvação de que nos fala a autora, ainda que não seja religiosa, é, propriamente, a salvação da alma. Mas de uma alma que já se supõe demolida, desfigurada. É isso que nos contam

seus personagens, uma estranha salvação”
(ZORZANELLI, 2005, p.31).

Em “A Hora da Estrela”, o momento de salvação, com um olhar de afabilidade, é frustrado na representação literária, algo que é claro com a tentativa desesperada de salvar a personagem da morte. Mas a morte de Macabéa é a própria morte da representação. Enquanto Macabéa era uma personagem falível e passível de intervenção, ela podia ser utilizada na narrativa. Após a auto-percepção de sua banalidade, não há mais motivo para a manutenção de Macabéa.

“Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede. Mas eis que de repente sinto o meu último esgar de revolta e uivo: o morticínio dos pombos!!! Viver é luxo” (LISPECTOR, 1998, p. 86).

Macabéa, enquanto mulher e enquanto nordestina, representa os “pombos” no processo de exclusão das sociedades capitalistas. Como pombos, essas mulheres são ignoradas em sua banalidade e em sua falta de utilidade à rotina das grandes cidades. Elas são tão alheias às possibilidades de voz que são tratadas como grupos invisíveis e monolíticos nas cidades. É por isso que o feminismo ocidental, sempre recaído em Macabéas, não consegue apreender essas mulheres. Serão eternos conceitos em branco, até que consigam ascender à esfera de Sujeito.

Considerações finais

A representação da mulher subalterna na literatura brasileira assumiu diversos vieses ao longo da história. Passando de figura naturalista sexualizada em “Iracema” (ALENCAR, 1865), até um objeto animalesco, em “Vidas Secas” (RAMOS, 1938). A pecu-

liaridade de “A Hora da Estrela” é a problematização metalinguística do local de fala do narrador, colocando-o como um homem a narrar uma mulher pobre.

As reais intenções de Clarice Lispector ao fazer a escolha desse tipo de narração são ambíguas. A construção de Macabéa recai muitas vezes na ironia, muitas vezes no cinismo. Contudo, ao abstrair da intencionalidade da obra, podemos observar uma crítica a “docilização” do subalterno, ao silenciamento por meio da representação. A docilização, em uma perspectiva Foucaultiana condiciona os corpos à dominação sem imposição, por meio da disciplina. Na crítica pós-colonial, a docilização é somada à divisão entre o centro e a periferia, impondo aos corpos subalternos a exclusão e submissão estrutural.

As mulheres são um grupo heterogêneo. E por isso são atingidas pelas opressões de formas diferentes. A questão é: “quão plurais somos nós nas construções da singularidade, e quão singulares somos nós nas apreensões do plural?” (SULERI, 1995, p. 757). A partir dessa dúvida, podemos partir para a construção e problematização dos lugares de fala, assim como colocado por Spivak (1988). A impotência do subalterno em falar e ser ouvido é o que abre caminho para essencializações como Macabéa, que Lispector, propositalmente ou não, tratou de matar no momento em que ela percebe os rumos da própria vida.

A desconstrução da *episteme* hegemônica precisa vir acompanhada por uma reformulação das representações padrão. O pós-colonialismo tem o papel de rever essas estruturas e possibilitar novas perspectivas de construção dos saberes. Ao analisar a realidade através de um pano de fundo diferente do tradicional europeu, podemos pôr a baixo as fronteiras entre o desenvolvido e o periférico. Contudo, as diversas formas de expressão das identidades não podem ser simplificadas durante esse processo. Por isso, a análise da representação é tão importante em obras como A Hora da Estrela.

Referências bibliográficas

- BIGNOTTO, Newton. (2006), “Das barricadas à vida privada”. *Nova econ*, 16, 3:459-480.
- COSTA, Sérgio. (2006), “Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial”. *Rev. brasileira Ciências Sociais*, 21, 60:117-134.
- ORLANDI, Eni P. (2007), *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª edição, Campinas, Editora Unicamp.
- LACLAU, Ernesto. (2005), *La razón populista*. 1ª Edição, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.
- LISPECTOR, Clarice. (1998), *A Hora da Estrela*. 1ª Edição, Rio de Janeiro, Rocco.
- MOHANTY, Chandra. (1991), “Under Western Eyes”, in C. Mohanty et al. (orgs.), *Third World Woman and the politics of feminism*, Bloomington, Indiana University Press.
- MONTEIRO, Rebecca Pedroso. (2011), “Parafusos, relógios e cartomantes: gênero e representação em A hora da estrela, de Clarice Lispector”. *Em Tese*, 17, 2:199-208.
- QUIJANO, Anibal. (2005), “A colonialidade do Poder; Eurocentrismo e América Latina”, in E. Lander (org), *A colonialidade do sa-*

ber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas, Buenos Aires, CLACSO.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. (2007), "Para além do pensamento Abissal". *Novos Estudos CEBRAP*, 79:71-94.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. (1988), *Pode o Subalterno Falar?*. 2ª reimpressão, Belo Horizonte, Editora UFMG.

SULERI, Sara. (1995), "Woman Skin Deep: Feminism and the Postcolonial Condition", in B. Ashcroft et al (Orgs), *The Postcolonial Studies Reader*, London, Psychology Press.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. (2005), *Esboços Não Acabados e Vacilantes - Despersonalização e Experiência Subjetiva na Obra de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume.

Recebido em: 15 de dezembro de 2014

Aprovado em: 18 de maio de 2016